



Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Mata Atlântica



A Mata Atlântica e a sua Avifauna

A Mata Atlântica é formada por um conjunto de formações florestais: Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista ou Mata de Araucária, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional Decidual e Floresta Ombrófila Aberta; além de ecossistemas associados como as restingas, manguezais e campos de altitude. O limite entre a Mata Atlântica e os domínios vizinhos, como o Cerrado e a Caatinga, não é nitidamente demarcado na maioria das regiões, estando sob a forma de uma faixa de transição (ecótono) de amplitude variável. Consequentemente, torna-se difícil estabelecer os limites precisos das formações vegetais associadas à Mata Atlântica. A ausência de um entendimento consensual sobre seus limites impactou os estudos que buscaram levantar a riqueza dos diferentes grupos que compõem sua biodiversidade. As aves são um exemplo dessa situação e diferentes autores têm apresentado valores distintos de número de espécies. A compilação mais atualizada das aves

da Mata Atlântica cita pelo menos 893 espécies de aves em seus limites, sendo 215 espécies endêmicas (exclusivas do domínio). Além da diversidade da avifauna citada acima, há cerca de 20.000 espécies vegetais, 350 espécies de peixes de água doce, 340 espécies de anfíbios, 250 espécies de mamíferos e 197 espécies de répteis.

A Mata Atlântica cobria originalmente cerca de 1.300.000 km² e ocupava a maior parte da região oriental brasileira, além de áreas no leste do Paraguai e nordeste da Argentina. Após sucessivos ciclos de exploração predatória dos seus recursos naturais que se iniciaram na época do descobrimento e se perpetuam até hoje, a Mata Atlântica reduziu-se a remanescentes isolados de diferentes tamanhos que, somados, atingem cerca de 8,5% da sua cobertura original.

O histórico de degradação e a sua megadiversidade fazem com que os ecossistemas associados à Mata Atlântica sejam considerados prioritários para a conservação, que tem importância vital para

aproximadamente 120 milhões de brasileiros que vivem em seu domínio, onde é gerado aproximadamente 70% do PIB brasileiro. Dentro do seu domínio são gerados importantíssimos serviços ambientais: regulação do fluxo dos mananciais hídricos, fertilidade do solo, controle do equilíbrio climático, proteção de escarpas e encostas das serras e suas paisagens oferecem belezas cênicas, além de conter um imenso patrimônio histórico e cultural.

Dentre todos os biomas brasileiros, é a Mata Atlântica que possui o maior número de aves ameaçadas. Aproximadamente 45% de todas as espécies de aves ameaçadas no país vivem na Mata Atlântica, e o Centro Endemismo Pernambuco é o local que concentra o maior número de táxons CR, EN e VU (Figuras 1, 2 e 3). O domínio é ainda um dos ecossistemas com a maior riqueza de espécies de aves do planeta e é apontada como um dos ecossistemas com a biodiversidade mais rica do mundo.



Alvos do PAN Aves da Mata Atlântica

O PAN Aves da Mata Atlântica abrange e estabelece estratégias prioritárias de conservação para 104 táxons de aves consideradas ameaçadas de extinção (Tabela 1), constantes da Lista Nacional (Portaria MMA nº 444/2014), sendo

um classificado na categoria EW (Extinto na Natureza), *Pauxi mitu*; 23 classificados na categoria CR (Criticamente em Perigo), 35 na categoria EN (Em Perigo) e 45 na categoria VU (Vulnerável). Além disso, estabelece estratégias para

conservação de outros 22 táxons categorizados nacionalmente como NT (Quase Ameaçado). Suspeita-se que alguns táxons categorizados como Criticamente em Perigo estejam Provavelmente Extintos (PEX).

Registros de Espécies Criticamente Ameaçadas (CR) no Bioma Mata Atlântica

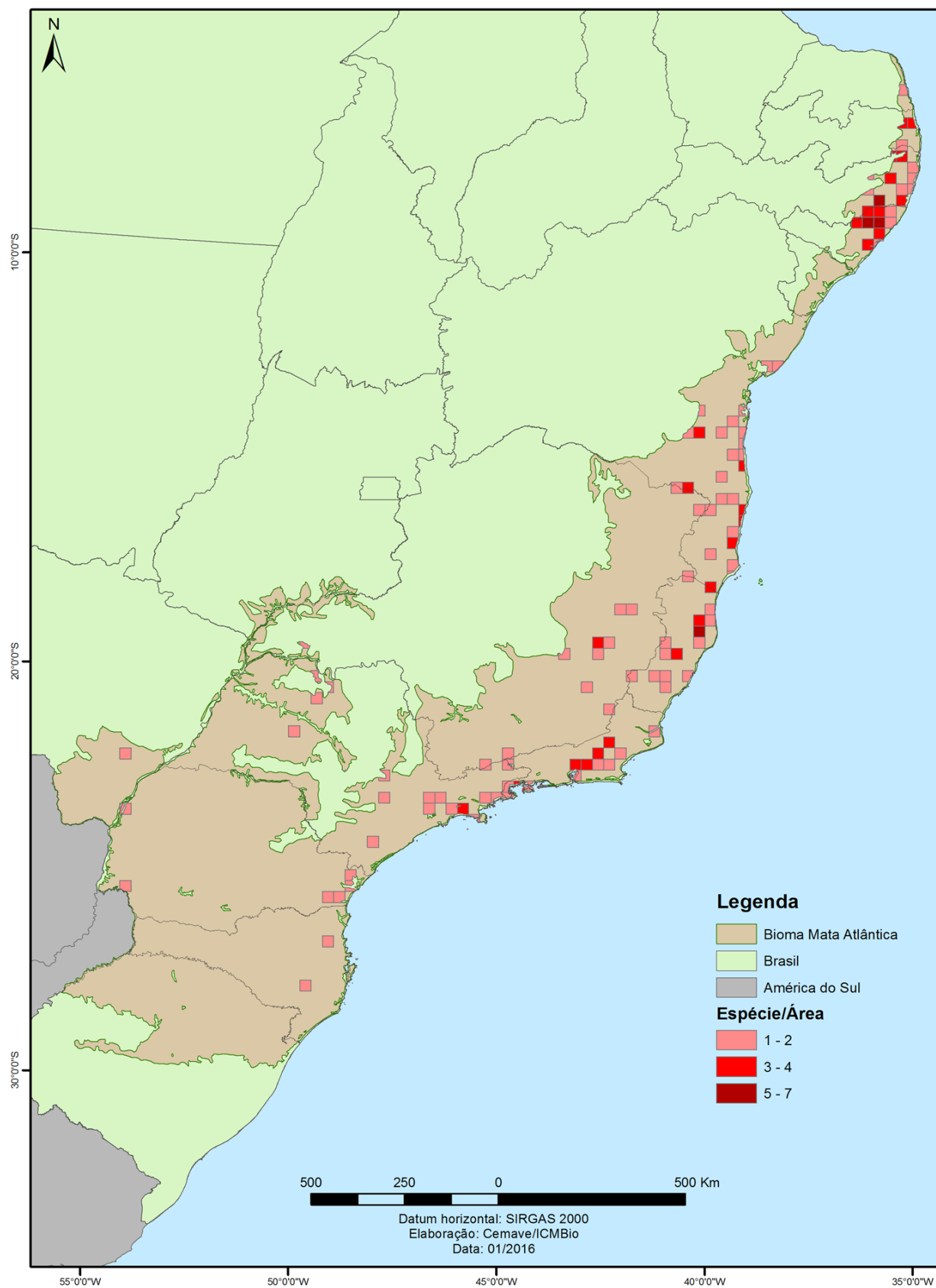


Figura 1. Mapa de concentração de registros recentes (após 1980) de espécies CR (Criticamente em Perigo) em grades de 900 km² no bioma Mata Atlântica.

Registros de Espécies Em Perigo (EN) no Bioma Mata Atlântica

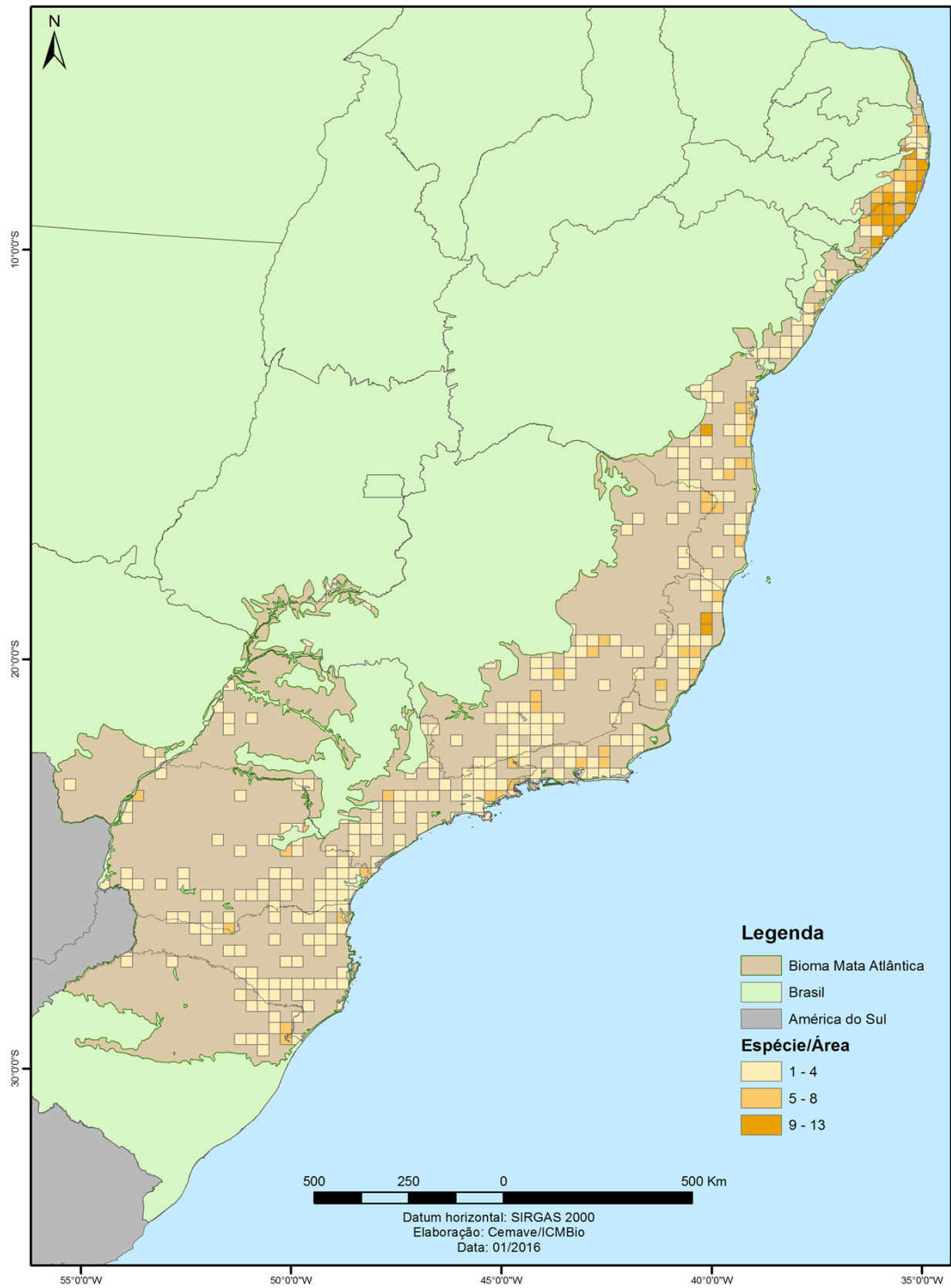


Figura 2. Mapa de concentração de registros recentes (após 1980) de espécies EN (Em Perigo) em grades de 900 km² no bioma Mata Atlântica.

Registros de Espécies Vulneráveis (VU) no Bioma Mata Atlântica

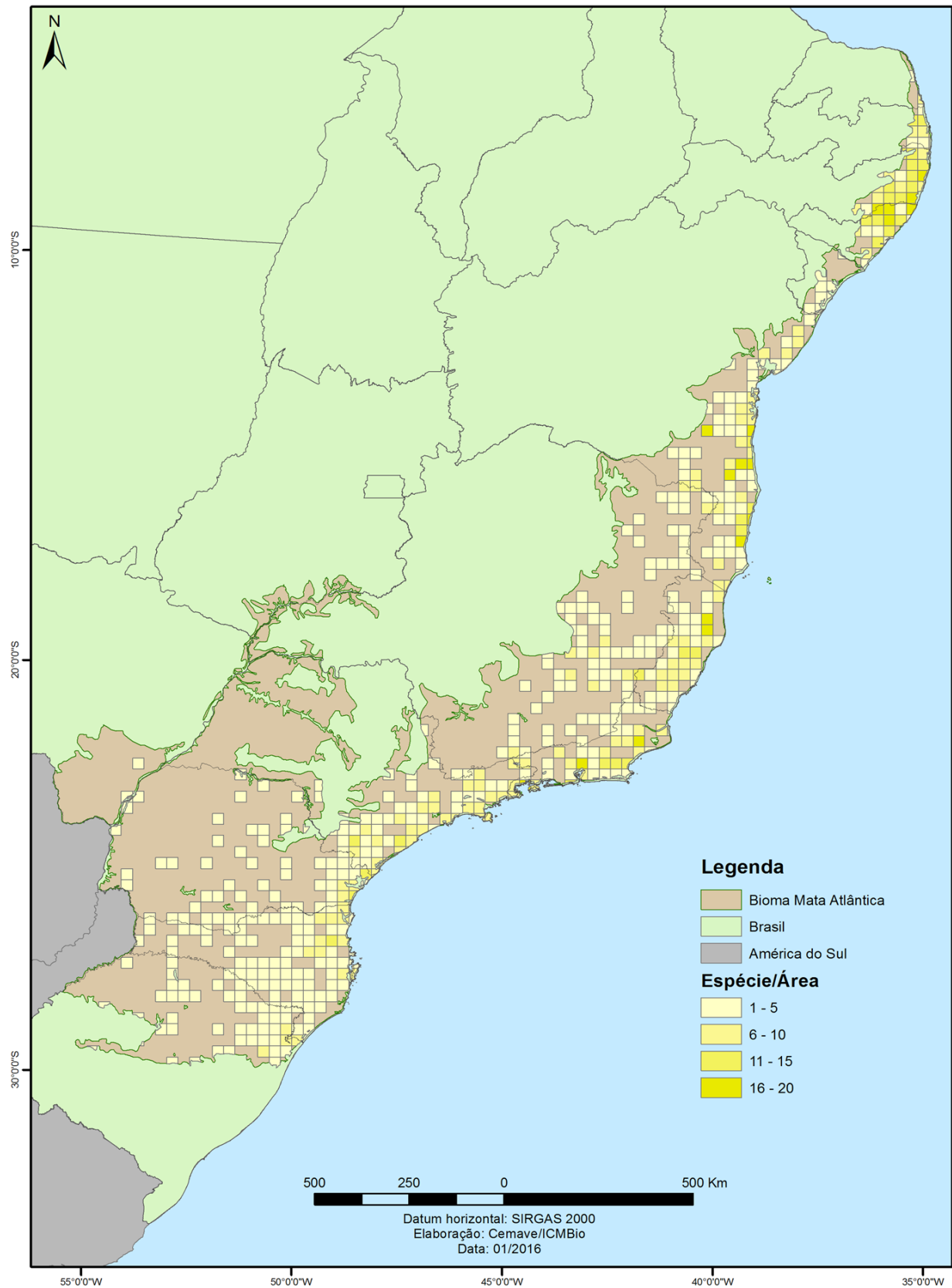


Figura 3. Mapa de concentração de registros recentes (após 1980) de espécies VU (Vulnerável) em grades de 900 km² no bioma Mata Atlântica.

Tabela 1. Lista de espécies alvo do PAN Aves da Mata Atlântica.

Família	Táxon	Nome Comum	Estado de Conservação
Tinamidae	<i>Tinamus solitarius</i>	macuco	NT
	<i>Crypturellus strigulosus</i>	inhambu-relógio	NT
	<i>Crypturellus noctivagus noctivagus</i>	jaó-do-sul	VU
Cracidae	<i>Penelope superciliaris alagoensis</i>	jacupemba	CR
	<i>Aburria jacutinga</i>	jacutinga	EN
	<i>Ortalis guttata remota</i>	aracuã-pintado	CR
	<i>Crax blumenbachii</i>	mutum-de-bico-vermelho	CR
	<i>Pauxi mitu</i>	mutum-do-nordeste	EW
Odontophoridae	<i>Odontophorus capueira plumbeicollis</i>	uru	CR
Ardeidae	<i>Tigrisoma fasciatum</i>	socó-boi-escuro	VU
Cathartidae	<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei	NT
Accipitridae	<i>Leptodon forbesi</i>	gavião-de-pescoço-branco	EN
	<i>Buteogallus aequinoctialis</i>	gavião-caranguejeiro	NT
	<i>Amadonastur lacernulatus</i>	gavião-pombo-pequeno	VU
	<i>Urubitinga coronata</i>	águia-cinzenta	EN
	<i>Pseudastur polionotus</i>	gavião-pombo-grande	NT
	<i>Morphnus guianensis</i>	uirapu-falso	VU
	<i>Harpia harpyja</i>	gavião-real	VU
	<i>Spizaetus ornatus</i>	gavião-de-penacho	NT
Columbidae	<i>Claravis geoffroyi</i>	pararu-espelho	CR (PEX)
Cuculidae	<i>Neomorphus geoffroyi dulcis</i>	jacu-estalo	CR
	<i>Neomorphus geoffroyi geoffroyi</i>	jacu-estalo	CR (PEX)
Strigidae	<i>Pulsatrix perspicillata pulsatrix</i>	murucututu	VU
	<i>Strix huhula albomarginata</i>	coruja-preta	VU
Nyctibiidae	<i>Nyctibius aethereus aethereus</i>	mãe-da-lua-parda	EN
	<i>Nyctibius leucopterus</i>	urutau-de-asa-branca	CR
Caprimulgidae	<i>Hydropsalis anomala</i>	curiango-do-banhado	NT
Trochilidae	<i>Glaucis dohrnii</i>	balança-rabo-canela	EN
	<i>Phaethornis margaretae</i>	rabo-branco-de-margarette	EN
	<i>Phaethornis margaretae camargoi</i>	rabo-branco-de-margarette	CR
	<i>Discosura langsdorffi langsdorffi</i>	rabo-de-espinho	EN
	<i>Thalurania watertonii</i>	beija-flor-de-costas-violetas	EN
Trogonidae	<i>Trogon collaris eytoni</i>	surucuá-de-coleira	EN
Momotidae	<i>Momotus momota marcgraviana</i>	udu-de-coroa-azul	EN
Galbulidae	<i>Jacamaralcyon tridactyla</i>	cuitelão	NT
Bucconidae	<i>Notharchus swainsoni</i>	macuru-de-barriga-castanha	NT
	<i>Monasa morphoeus morphoeus</i>	chora-chuva-de-cara-branca	EN
Picidae	<i>Piculus polyzonus</i>	pica-pau-dourado-grande	EN
	<i>Celeus flavus subflavus</i>	pica-pau-amarelo	CR
	<i>Celeus torquatus tinnunculus</i>	pica-pau-de-coleira	VU
	<i>Dryocopus galeatus</i>	pica-pau-de-cara-canela	EN
Falconidae	<i>Micrastur mintoni</i>	falcão-críptico	NT
Psittacidae	<i>Pyrrhura cruentata</i>	tiriba-grande	VU
	<i>Pyrrhura leucotis</i>	tiriba-de-orelha-branca	VU
	<i>Touit melanotus</i>	apuim-de-costas-pretas	VU
	<i>Touit surdus</i>	apuim-de-cauda-amarela	VU
	<i>Pionus reichenowi</i>	maitaca-de-barriga-azul	VU

Tabela 1. Continuação.

Família	Táxon	Nome Comum	Estado de Conservação
Thamnophilidae	<i>Terenura sicki</i>	zidedê-do-nordeste	CR
	<i>Myrmotherula minor</i>	choquinha-pequena	VU
	<i>Myrmotherula urosticta</i>	choquinha-de-rabo-cintado	VU
	<i>Myrmotherula fluminensis</i>	choquinha-fluminense	CR (PEX)
	<i>Myrmotherula snowi</i>	choquinha-de-alagoas	CR
	<i>Stymphalornis acutirostris</i>	bicudinho-do-brejo	EN
	<i>Formicivora erythronotos</i>	formigueiro-de-cabeça-negra	CR
	<i>Formicivora littoralis</i>	formigueiro-do-litoral	EN
	<i>Formicivora paludicola</i>	bicudinho-do-brejo-paulista	CR
	<i>Thamnomanes caesius caesius</i>	ipeçuá	VU
	<i>Dysithamnus plumbeus</i>	choquinha-chumbo	EN
	<i>Herpsilochmus pileatus</i>	chorozinho-de-boné	VU
	<i>Thamnophilus caerulescens pernambucensis</i>	choca-da-mata	VU
	<i>Thamnophilus aethiops distans</i>	choca-lisa	EN
	<i>Biatas nigropectus</i>	papo-branco	NT
	<i>Myrmoderus ruficaudus</i>	formigueiro-de-cauda-ruiva	EN
	<i>Pyriglena pernambucensis</i>	papa-taoca-de-pernambuco	VU
	<i>Pyriglena atra</i>	papa-taoca-da-bahia	EN
	<i>Rhopornis ardesiacus</i>	gravatazeiro	EN
	<i>Cercomacra brasiliana</i>	chororó-cinzento	NT
Conopophagidae	<i>Conopophaga lineata cearae</i>	chupa-dente	EN
	<i>Conopophaga lineata lineata</i>	chupa-dente	VU
	<i>Conopophaga melanops nigrifrons</i>	cuspidor-de-máscara-preta	VU
Grallariidae	<i>Grallaria varia intercedens</i>	tovacuçu	VU
Rhinocryptidae	<i>Merulaxis stresemanni</i>	entufado-baiano	CR
	<i>Eleoscytalopus psychopompus</i>	macuquinho-baiano	EN
	<i>Scytalopus gonzagai</i>	macuquinho-preto-baiano	EN
	<i>Scytalopus iraiensis</i>	macuquinho-da-várzea	EN
Scleruridae	<i>Sclerurus macconnelli bahiae</i>	vira-folha-de-peito-vermelho	VU
	<i>Sclerurus caudacutus calligineus</i>	vira-folha-pardo	CR
	<i>Sclerurus caudacutus umbretta</i>	vira-folha-pardo	CR
	<i>Geositta poeciloptera</i>	andarrilho	EN
Dendrocolaptidae	<i>Dendrocincla taunayi</i>	arapaçu-pardo-do-nordeste	EN
	<i>Xiphorhynchus atlanticus</i>	arapaçu-rajado-do-nordeste	VU
	<i>Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris</i>	arapaçu-beija-flor	EN
Xenopidae	<i>Xenops minutus alagoanus</i>	bico-virado-miúdo	VU
Furnariidae	<i>Cinclodes pabsti</i>	pedreiro	NT
	<i>Automolus lammi</i>	barranqueiro-do-nordeste	EN
	<i>Synallaxis whitneyi</i>	joão-baiano	NT
	<i>Synallaxis infuscata</i>	tatac	EN
	<i>Acrobatornis fonsecai</i>	acrobata	VU
	<i>Limnortyx rectirostris</i>	arredio-do-gravatá	NT
	<i>Thripophaga macroura</i>	rabo-amarelo	VU
Pipridae	<i>Neopelma aurifrons</i>	fruxu-baiano	EN
Onychorhynchidae	<i>Onychorhynchus swainsoni</i>	maria-leque-do-sudeste	NT
Tityridae	<i>Schiffornis turdina intermedia</i>	flautim-marrom	VU
	<i>Laniisoma elegans</i>	chibante	NT
	<i>Iodopleura pipra</i>	anambezinho	EN

Tabela 1. Continuação.

Família	Táxon	Nome Comum	Estado de Conservação
Cotingidae	<i>Carpornis melanocephala</i>	sabiá-pimenta	VU
	<i>Tijuca condita</i>	saudade-de-asa-cinza	VU
	<i>Lipaugus lanioides</i>	tropeiro-da-serra	NT
	<i>Procnias nudicollis</i>	araponga	NT
	<i>Cotinga maculata</i>	crejoá	CR
	<i>Xipholena atropurpurea</i>	bacacu-de-asa-branca	VU
Pipritidae	<i>Piprites pileata</i>	caneleirinho-de-chapéu-preto	NT
Platyrrinchidae	<i>Calyptura cristata</i>	tietê-de-coroa	CR (PEX)
	<i>Platyrrinchus mystaceus niveigularis</i>	patinho	VU
	<i>Platyrrinchus leucoryphus</i>	patinho-gigante	NT
Rhynchocyclidae	<i>Phylloscartes beckeri</i>	borboletinha-baiana	EN
	<i>Phylloscartes ceciliae</i>	cara-pintada	CR
	<i>Hemitriccus griseipectus naumburgae</i>	maria-de-barriga-branca	VU
	<i>Hemitriccus mirandae</i>	maria-do-nordeste	VU
	<i>Hemitriccus kaempferi</i>	maria-catarinense	VU
	<i>Hemitriccus furcatus</i>	papa-moscas-estrela	VU
Tyrannidae	<i>Elaenia ridleyana</i>	cocoruta	VU
	<i>Attila spadiceus uropygiatus</i>	capitão-de-saíra-amarelo	VU
Vireonidae	<i>Vireo gracilirostris</i>	juruviara-de-noronha	VU
Turdidae	<i>Cichlopsis leucogenys</i>	sabiá-castanho	EN
Icteridae	<i>Curaeus forbesi</i>	anumará	VU
Thraupidae	<i>Tangara fastuosa</i>	pintor	VU
	<i>Tangara peruviana</i>	saíra-sapucaia	VU
	<i>Nemosia rourei</i>	saíra-apunhalada	CR
	<i>Sporophila frontalis</i>	pioxó	VU
	<i>Sporophila falcirostris</i>	cigarra-verdadeira	VU
	<i>Sporophila pileata</i>	caboclinho-branco	NT
	<i>Sporophila maximiliani</i>	bicudo	CR
	<i>Coryphas piza melanotis</i>	tico-tico-de-máscara-negra	EN
Cardinalidae	<i>Caryothraustes canadensis frontalis</i>	furriel	EN
Fringilidae	<i>Sporagra yarrellii</i>	pintassilgo-do-nordeste	VU

Foto: Ciro Albano



Ameaças

Atualmente a Mata Atlântica se encontra em um estado crítico de conservação. Mesmo considerando os remanescentes de floresta, poucas são as áreas de matas contínuas (> 10.000 hectares) e de florestas em bom estado de conservação. Quase metade de toda a floresta remanescente está concentrada em fragmentos florestais menores do que 250 hectares. Se considerarmos as florestas situadas ao norte do Rio São Francisco, que fazem parte do Centro de Endemismo Pernambuco, a situação é ainda mais crítica, com apenas 2% da floresta original remanescente. A alta riqueza de espécies, somada ao

estado crítico de conservação das áreas remanescentes da Mata Atlântica, justificam o fato de ser apontada como uma das florestas tropicais mais ameaçadas em todo o planeta e com prioridade global de conservação. A perda de habitat é sem dúvida a maior ameaça, sendo o principal fator que ocasionou o declínio populacional da maioria das espécies. No entanto, a captura e a caça, introdução de espécies exóticas e mudanças climáticas também são ameaças para muitas espécies.

Apesar de estar reduzida a 8,5% de sua cobertura original e abrigar muitas espécies ameaçadas, surpreende

o fato que apenas sete espécies de aves aparentam estar extintas na Mata Atlântica. Esse descompasso entre um estado crítico de degradação e a extinção de relativamente poucas espécies é resultado de um efeito retardado que resulta em um intervalo entre destruição e extinção, sendo esperado que muitas espécies ameaçadas sucumbam em um futuro próximo. Entretanto, ainda é possível reverter parte desse processo. A criação e efetiva implementação de novas Unidades de Conservação, assim como a restauração florestal são ações emergenciais.

Presença em Unidades de Conservação Federais

Sessenta e uma Unidades de Conservação federais contemplam espécies ameaçadas do PAN Aves da Mata Atlântica: APA Guaraqueçaba, APA Bacia do Paraíba do Sul, APA Barra do Rio Mamanguape, APA Cairuçu, APA Cananéia-Iguape-Peruíbe, APA Costa dos Corais, APA Ilhas e Várzeas do Rio Paraná, APA Petrópolis, APA Piaçabuçu, APA Serra da Mantiqueira, ESEC Aracui-Esmeralda, ESEC Carijós, ESEC Mata Preta, ESEC Murici, ESEC Tamoios, FLONA Canela, FLONA Goytacazes, FLONA Ipanema, FLONA Pacotuba, FLONA Rio Preto, FLONA São Francisco de Paula, FLONA

Três Barras, PARNA Alto do Cariri, PARNA Aparados da Serra, PARNA Araucárias, PARNA Boa Nova, PARNA Caparaó, PARNA Descobrimento, PARNA Guaricana, PARNA Iguaçú, PARNA Itatiaia, PARNA Monte Pascoal, PARNA Pau Brasil, PARNA Restinga de Jurubatiba, PARNA Saint-Hilaire/Lange, PARNA São Joaquim, PARNA Serra da Bocaina, PARNA Serra das Lontras, PARNA Serra do Itajaí, PARNA Serra Geral, PARNA Superagui, PARNA Tijuca, REBIO Augusto Ruschi, REBIO Córrego do Veado, REBIO Córrego Grande, REBIO Guaribas, REBIO Mata Escura, REBIO

Pedra Talhada, REBIO Poço das Antas, REBIO Saltinho, REBIO Sooretama, REBIO Tinguá, REBIO Una, REBIO União, RESEX Acaú Goiana, RESEX Cassurubá, RESEX Lagoa do Jequiá, RESEX Pirajubaé, REVIS Boa Nova, REVIS dos Campos de Palmas, REVIS Una.

Dentre elas, destacam-se as que possuem maior número de espécies ameaçadas: ESEC Murici, REBIO Sooretama, REVIS Boa Nova, PARNA Boa Nova, PARNA Serra das Lontras, APA Petrópolis, PARNA Descobrimento, REBIO Una.

Estratégia do ICMBio para a Conservação das Aves da Mata Atlântica

Do total das 1919 espécies de aves que ocorrem no país, 234 táxons são reconhecidos como espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. É responsabilidade do governo brasileiro, por intermédio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o desenvolvimento de estratégias para conhecer e proteger esta riqueza, além de recuperar aquelas ameaçadas de extinção por meio de diversas medidas, incluindo a elaboração e execução de planos de ação.

A elaboração do Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Mata Atlântica - PAN Aves da Mata Atlântica, ocorreu em oficina participativa entre os dias 13 e 16 de outubro de 2014, contando com 31 pessoas representando 25 instituições. A abordagem metodológica e as técnicas de facilitação e de planejamento participativo que foram utilizadas durante a oficina de elaboração do referido plano seguiram os protocolos estabelecidos pela Instrução Normativa ICMBio nº 25/2012.

O PAN Aves da Mata Atlântica tem como visão de futuro “Assegurar a conservação das espécies do PAN Aves da Mata Atlântica em seus habitats, com populações viáveis do ponto de vista genético e demográfico, em até 50 anos”. O objetivo geral do PAN é “Estabelecer e implementar medidas para manutenção e recuperação das populações de espécies do PAN Aves da Mata Atlântica em 5 anos”. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos sete objetivos específicos e 50 ações.

Matriz de Planejamento do PAN Aves da Mata Atlântica

Nº	Objetivos Específicos	Nº de Ações	Custo estimado (R\$)
I	Reduzir a perda de habitats dos táxons do PAN Aves da Mata Atlântica	17	2.250.000,00
II	Proteger, ampliar, restaurar e conectar os habitats dos táxons do PAN Aves da Mata Atlântica	10	3.000.000,00
III	Reduzir a caça, a captura ilegal e o tráfico dos táxons do PAN Aves da Mata Atlântica	6	700.000,00
IV	Promover o manejo adequado de solturas nas áreas de ocorrência dos táxons do PAN Aves da Mata Atlântica	3	200.000,00
V	Prevenir e controlar a presença de espécies exóticas invasoras em áreas de ocorrência dos táxons do PAN Aves da Mata Atlântica	5	600.000,00
VI	Avaliar o efeito de alterações climáticas sobre populações dos táxons do PAN Aves da Mata Atlântica	3	1.050.000,00
VII	Promover o manejo <i>in situ</i> e/ou <i>ex situ</i> das espécies deste PAN com vistas à reintrodução e/ou revigoramento populacional	6	1.000.000,00

COLABORAÇÃO



APOIO



REALIZAÇÃO



Brasília, julho de 2018

Para conhecer as ações e os articuladores do PAN Aves da Mata Atlântica acesse:

<http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/planos-de-acao/2865-plano-de-acao-nacional-para-a-conservacao-das-aves-da-mata-atlantica>